

**REPENSAR A CIDADE A PARTIR DAS CRIANÇAS: UMA RESENHA DA OBRA DE FRANCESCO TONUCCI**

RETHINKING THE CITY FROM A CHILDREN'S PERSPECTIVE: A REVIEW OF FRANCESCO TONUCCI'S WORK

REPENSAR LA CIUDAD A PARTIR DAS NIÑOS: UNA REVISIÓN DE LA OBRA DE FRANCESCO TONUCCI

**Camila Andrade dos Santos**

Doutora em Design, Instituto Federal do Maranhão

<https://orcid.org/0000-0001-7482-9573> ; E-mail: [camila@ifma.edu.br](mailto:camila@ifma.edu.br)

**Rosa Arma**

Doutoranda em Arquitetura, CIAUD, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

<https://orcid.org/0000-0001-9730-0859> ; E-mail: [rossellaarma@gmail.com](mailto:rossellaarma@gmail.com)

**Resumo**

A resenha da obra de Francesco Tonucci, *A Cidade das Crianças* (2019), aqui proposta, pretende ressaltar sua relevância nas áreas da educação, na perspectiva da relação entre infância e cidade. Após uma breve apresentação, a resenha, seguindo a própria estrutura do livro, traça um percurso em três partes — *O Projeto, As Propostas, As Experiências* —, perseguindo a filosofia de governo da cidade desenvolvida pelo autor, a partir do modelo implementado em Fano, Itália, desde 1991. Tal filosofia baseia-se na relação “educadora” entre as crianças e a cidade. A ideia subjacente a toda a obra é que uma cidade construída à medida das crianças leva a uma maior qualidade de vida para todos. Espera-se, com a sua divulgação, contribuir para que o repto de adotar outras estratégias de construção das cidades, a partir dos grupos sociais mais vulneráveis (como as crianças), chegue aos responsáveis públicos, de forma que as cidades se constituam como um texto aberto, no qual todos os seus habitantes possam se transformar em escritores de caminhos mais humanos.

**Palavras-chave:** infâncias; direito à cidade; educação.

**Abstract**

The review of the work by Francesco Tonucci, *The City of Children* (2019), proposed here, aims to highlight its relevance in the fields of education, from the perspective of the relationship between childhood and the city. After a brief presentation, the review, following the book's own structure, outlines a path in three parts — *The Project, The Proposals, The Experiences* — pursuing the philosophy of city governance developed by the author, based on the model implemented in Fano, Italy, since 1991. This philosophy is based on the “educational” relationship between children and the city. The underlying idea throughout the work is that a city built to the scale of children leads to a higher quality of life for everyone. This review hopes that, through the dissemination of this knowledge, the challenge of adopting other strategies for city-building, starting from the most vulnerable social groups (such as children), will reach public officials, so that cities may become an open text in which all their inhabitants can become authors of more humane paths.

**Keywords:** childhood; right to the city; education.

### Resumen

Esta reseña de *La ciudad de los niños* (2019), de Francesco Tonucci, pretende destacar su relevancia en el ámbito de la educación, desde la perspectiva de la relación entre infancia y ciudad. Tras una breve introducción, la reseña, siguiendo la estructura del propio libro, traza un recorrido en tres partes -El proyecto, Las propuestas, Las experiencias- siguiendo la filosofía de gobierno de la ciudad desarrollada por el autor, basada en el modelo implantado en Fano (Italia) desde 1991. Esta filosofía se basa en la relación «educadora» entre los niños y la ciudad. La idea que subyace en todo el libro es que una ciudad construida a la medida de los niños conduce a una mejor calidad de vida para todos. Se espera que con la divulgación de este libro, el reto de adoptar diferentes estrategias para construir ciudades, empezando por los grupos sociales más vulnerables (como los niños), sea asumido por los responsables públicos, de modo que las ciudades se conviertan en un texto abierto en el que todos sus habitantes puedan convertirse en escritores de caminos más humanos.

**Palabras clave:** niños; derecho a la ciudad; educación.

### Apresentação

*A Cidade das Crianças*<sup>1</sup> (2019), de Francesco Tonucci — pensador, educador, psicopedagogo italiano e cartunista de vinhetas que trazem reflexões sobre a criança, seus direitos e sua vida na cidade — é um livro de grande relevância à área da educação na perspectiva da relação infância e cidade. A partir da concepção de que a criança deve constituir-se em parâmetro para o bem-estar na cidade e da ideia central da obra, de que “quando a cidade estiver mais adaptada às crianças, estará mais adaptada a todos” (Tonucci, 2019, p. 61), o autor apresenta uma nova maneira de pensar a cidade: a partir da perspectiva da criança.

A obra divide-se em três partes: na primeira, intitulada *O Projeto*, o autor contextualiza a cidade moderna e teoriza sobre as consequências decorrentes dessa nova realidade, principalmente para as crianças; na segunda, *As propostas*, Tonucci traz linhas possíveis de intervenção para a “construção da cidade das crianças”, segundo seus tempos e espaços de vida na cidade; na terceira e última parte, *As experiências*, o autor exemplifica os experimentos já realizados no contexto do projeto em Fano.

Fecha a obra um apêndice com a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, A Carta Aberta aos Cidadãos de Fano e o artigo de Lewis Mumford — *A planificação para as diversas fases da vida* —, na íntegra, que Tonucci cita ao longo da primeira parte, dialogando com o autor em frequentes trechos.

---

<sup>1</sup> Título original: *La città dei bambini*, também traduzido para o inglês, francês e espanhol. O conceito — a cidade das crianças — surge a partir do projeto impulsionado por Tonucci em Fano, sua cidade natal, na Itália. Promover a participação de jovens e crianças no planejamento dos serviços e espaços urbanos em diálogo com os governantes, e alertar para medidas governamentais que possam colocar em risco o futuro das cidades, são os princípios norteadores desse projeto.

### Primeira parte - O projeto

Segundo Tonucci (2019), a cidade contemporânea se transformou. Originalmente lugar de encontro e de permuta, a cidade descobre o valor comercial e passa a seguir “programas geradores de lucro” e especulação. Em decorrência disso, a tipologia e dinâmica da cidade, antes um ambiente unitário, como um ecossistema, passa a se caracterizar pela separação e especialização de seus espaços e competências: há lugares diferentes, com funções diferentes, para pessoas distintas. São estruturas autônomas e autossuficientes, com seus próprios parques de estacionamento, restaurantes, caixas eletrônicos e seguranças privados.

Como consequência da transformação da cidade está a alteração das moradias: são agora lugares “sem crianças e sem velhos” (Tonucci, 2019, p. 46), pois não foram pensadas a partir das necessidades de todos seus possíveis habitantes, mas a partir da especulação imobiliária e dos “adultos produtivos”. Para essas crianças e velhos que, segundo o autor, nesse contexto, são “prisioneiros”, sobram as varandas e outros ambientes afastados e fictícios, como os centros comerciais. Os centros de compras reúnem todo o tipo de serviço em um mesmo lugar, imitam uma cidade com ruas e praças, mas sem carros. São espaços vigiados e seguros para as crianças, com locais específicos criados para o seu lazer.

O autor também chama a atenção para o fato de os serviços serem pensados por adultos para adultos, como, por exemplo, os parques infantis, cujos projetos se originam de estereótipos: em geral padronizados, planejados e cercados para melhor vigilância pelos pais e, por vezes, apenas com equipamentos tradicionais como balanço, escorregadores e pequenos carrinhos. Desse modo, são os adultos, com seus projetos, que determinam a brincadeira nesses espaços. Para o autor, os adultos fomentam atividades repetitivas e banais, levando as crianças, ao se cansarem delas, a utilizar os equipamentos de formas não ortodoxas ou não imaginadas por seus planejadores. O autor defende, ainda, que o desenvolvimento fomentado pela brincadeira é provocador de desenvolvimento e de aprendizagens, as mais importantes de toda a vida dos indivíduos. Por meio do ato de brincar, se desenvolvem atividades próximas às dos adultos, como a investigação científica, a exploração, a arte e a mística.

Tonucci fala de uma cidade hostil, desprovida de solidariedade e acolhimento, em que o carro, provocador de ruído e poluição, têm preferência e ocupa os espaços públicos. Apesar disso e dos perigos que a rua representa, Tonucci afirma que, estando nós obrigados a viver nessas cidades, sobretudo se temos filhos, então é preciso traçar soluções. Que tipo, porém, de soluções são ensaiadas? As soluções preconizadas pelos especialistas da infância, para Tonucci, são individualistas e privadas. Para tais especialistas, as crianças devem passar mais tempo e brincar

mais com os pais, pois ninguém poderá acompanhá-las melhor do que seus próprios pais. Segundo o autor, porém, essa solução é incompatível com a vida dos progenitores, considerando as horas de deslocamento para o trabalho e a vontade de descansar ao chegar em casa.

Em paralelo, a dinâmica da sociedade diz aos pais: “defendam-se e comprem”, para suprir necessidades das crianças (e as suas próprias). Sendo assim, dentro de casa há tudo de que precisamos para sentirmo-nos bem e tranquilos: televisores, videogames e uma variedade enorme de brinquedos. Para ele, esse arsenal no nosso espaço privado, que é refúgio e fortaleza, nos protegeria da frequência caótica e estressante dos espaços da vida perigosa fora do lar. Para o autor, essa autodefesa — fechando-nos em casa — significa um abandono da cidade, que se torna ainda mais perigosa, agressiva, desigual e desumana: repleta de controle policial, detectores de metal e dispositivos antirroubos nas instituições e no comércio. Enquanto a cidade é hostil, “arma-se” a casa e fecha-se o filho dentro. A criança está só, em geral entregue ao televisor, com as mãos cada vez mais inúteis, a criança nada aprende a fazer, encontrando-se só na sua imobilidade.

“As cidades esqueceram-se das crianças” (p. 67). Em um diálogo estabelecido no texto com E. Munford e Joseph K. Hart, o autor corrobora a ideia de que as cidades não foram pensadas para maior parte de seus habitantes, como as mulheres, os idosos e as crianças, mas “para a categoria mais forte dos cidadãos: a dos adultos produtivos” (p. 67) e lembra que “quando a cidade estiver mais adaptada às crianças, estará mais adaptada a todos” (Tonucci, 2019, p. 61).

### **Segunda Parte - As propostas**

A segunda parte do livro centra-se em propostas para a concretização da “cidade das crianças”, a partir da experiência de Fano, na Itália. Desde 1991, o *sindaco* (Prefeito da Cidade), os vereadores e os técnicos assumem o compromisso de construção da cidade a partir da criança, em conjunto com o Laboratório Municipal para o estudo, o planejamento e o ensaio de modificações na cidade, assumindo a criança como parâmetro (Tonucci, 2019, p. 186). Essa investida no repensar a cidade busca garantir os direitos de todos os cidadãos, principalmente dos grupos mais vulneráveis como mulheres, idosos, pessoas com deficiência, extracomunitários e com menos recursos e o conceito fundamenta a “cidade das crianças” como forma de pensar uma cidade para todos.

A primeira estratégia proposta por Tonucci para a “cidade das crianças” é atribuir a elas o papel de protagonistas, dar-lhes a palavra e, sobretudo, *agency*. Cabe aos adultos a criação de espaços de participação democrática para as crianças na vida na cidade, onde elas possam se expressar de forma livre e corajosa e serem ouvidas, como acontece no Conselho das Crianças (experiência discutida na terceira parte), convidando-as a dar o seu contributo projetual no

planeamento urbano (usando desenhos e até maquetas), com base nas suas insatisfações e desejos. Constituem ainda estratégias de realização da “cidade das crianças”: o desenvolvimento de uma nova sensibilidade à volta delas por todos os agentes envolvidos nos processos de encontro da sua autonomia; a criação de condições para que as crianças (meninos e meninas) possam sair de casa sozinhas, tendo em conta as diferentes condições da infância no mundo, e viver experiências pessoais fora de casa, não organizadas e controladas por adultos, com outras crianças, para o seu desenvolvimento cognitivo e social; a adoção da criança como indicador da “saúde das cidades”; a revisão da relação de poder entre o carro e o pedestre, em benefício desse último; o auxílio aos adultos, ajudando-os a tornarem-se menos necessários às crianças, para o seu desenvolvimento no sentido da autonomia; a busca de aliados das crianças (polícias, idosos e lojistas), ensinando-lhes a confiar nos adultos.

Para além das mudanças nas atitudes dos adultos em relação à perspectiva infantil que descrevemos, Tonucci sugere a necessidade de adaptar também a cidade a ela. Nesse sentido, o autor propõe a criação de “cidades bonitas” versus “cidades feias” (referindo-se às periferias longínquas e anónimas) e transitáveis a pé. Propõe ainda mudanças nos instrumentos de gestão territorial que favoreçam a organização do território em pequenos municípios metropolitanos autónomos, cada qual estimule o sentimento de identidade e pertencimento dos habitantes e o deslocar-se neles livremente, alegremente e sem perigo. Para tanto, será necessário priorizar as necessidades dos mais fracos e privilegiar a mobilidade não motorizada, aconselha-se a revitalização dos centros históricos, considerados lugares privilegiados para o encontro de crianças e idosos, bem como renunciar aos parques infantis, os quais impõem às crianças formas de brincar na cidade pensadas por adultos. A adaptação das cidades à criança passa também pelo reconhecimento da rua como o lugar de todos, devolvendo-a ao encontro das pessoas e, sobretudo, às brincadeiras das crianças; pela qualificação dos espaços de espera das crianças em hotéis e restaurantes a fim de respeitar os seus tempos, bem como pela adaptação dos hospitais aos doentes-criança e das escolas aos pequenos alunos, garantindo que a sua voz seja ouvida.

Para tanto, será necessário criar oportunidades para a participação democrática da criança na gestão desses equipamentos. Moldar as cidades à criança requer também a promoção de uma educação ambiental virada para o seu conhecimento e a intervenção na cidade (o ambiente em que vive) e a formação de futuros cidadãos independentes e conscientes dos seus direitos e deveres; a garantia do direito a brincar das crianças, desrespeitado pela maioria dos regulamentos condominiais; a atribuição do direito de voto às crianças e, for fim, “repensar a cidade”, imaginando um futuro feliz e possível nas cidades, a partir das crianças, e tornando “a cidade das crianças” em uma utopia possível, uma utopia sustentável (Tonucci, 2019, p. 180).

### Terceira Parte - As experiências

Na terceira e última parte da obra, Tonucci apresenta atividades, iniciativas e organizações que nasceram no âmbito da experiência em Fano — um laboratório municipal para o estudo, planejamento e o ensaio de modificações na cidade, considerando a criança como parâmetro —, embora, conforme orienta, não devem servir como modelos a serem seguidos rigorosamente, mas como um testemunho otimista do possível. São vivências que o autor apresenta de forma crítica, podendo servir de inspiração para gestores, técnicos e demais entes sociais na busca por um desenvolvimento urbano no paradigma da infância.

O autor inicia apresentando Fano, “A cidade das crianças”: um laboratório incluído no organograma municipal, com sede própria e pessoal, sendo Tonucci o responsável pela direção científica. O programa, que está a cargo do pelouro das políticas de educação, é acompanhado pela gestão do município e reconhecido pelo Ministério do Ambiente, sendo financiado por fundos ligados a esse ministério. O projeto têm relação com importantes iniciativas globais e organizações pelos direitos das crianças como *Las Ciudades Educadoras*, a UNICEF, a comunidade Européia, a ANCI, a *Arciragazzi*, a CGD, a *La Città Possibile*, a *Legambiente*, a INU e o WWF<sup>2</sup>. Em seguida, o autor apresenta as fichas dos projetos.

O *Conselho das Crianças: a garantia do ponto de vista infantil* é um órgão consultivo do Laboratório. De mandato bienal e reuniões mensais, é formado por 30 crianças representantes das respectivas escolas, para garantir o protagonismo infantil e que essas possam exprimir seus pontos de vista no que se refere à cidade.

A *Assembleia Municipal Aberta às Crianças* é uma iniciativa original da UNICEF, aderida por Fano desde 1991, que prevê reunião extraordinária anual da assembleia municipal dedicada às crianças. Os pequenos membros do conselho trazem propostas discutidas em suas escolas e, a partir delas, soluções são implementadas pelos órgãos públicos responsáveis. A exemplo temos: a proposta que surge a partir dos problemas de que “os carros ocupam muito espaço e depois não há onde brincar” (Tonucci, 2019, p.

---

<sup>2</sup> UNICEF (United Nations Children’s Fund); ANCI (Associazione Nazionale Comuni Italiani); CGD (Cordinamento Genitori Democratici); INU (Istituto Nazionali di Urbanistica); WWF (World Wildlife Fund).

195), levando o departamento de trânsito a fechar a cidade aos automóveis uma vez ao ano para que as crianças pudessem brincar nas ruas.

*As Crianças Projetistas.* A partir de 1992, a iniciativa “Eu e minha cidade” fomenta a participação das crianças no planejamento de espaços. As propostas então são apresentadas ao prefeito e aos departamentos competentes. Dessa forma, se dá a conhecer os pontos de vista das crianças sobre esses espaços de modo que quando forem atribuídos a um profissional projetista, ele leve em consideração essas observações.

*Os Pequenos Guias.* Ainda no contexto da iniciativa citada anteriormente, essa atividade juntou as crianças com adultos e idosos conhecedores da cidade para percorrer uma rota de modo que as crianças aprendessem sobre aquele percurso e, posteriormente, pudessem apresentá-lo para visitantes.

*Os Seminários da Junta* são organizados pelo projeto e reúnem o prefeito, os vereadores e demais dirigentes municipais, contendo momentos de estudos e aprofundamento das temáticas infantis.

*O Policial Amigo das Crianças.* Para além de controlar o trânsito, essa iniciativa propõe que o agente da cidade assumisse papel em uma perspectiva de maior mobilidade urbana para pedestres e ciclistas, a partir das crianças.

*A Multa das Crianças* é um tipo de notificação autuada quando um adulto infringe alguma lei de trânsito que atrapalha o direito dos pedestres, como por exemplo o estacionar na calçada. “As crianças dizem que os adultos se envergonham quando encontram esta repreensão infantil no pára-brisas do carro e normalmente não repetem essa infração” (Tonucci, 2019, p. 210).

*Para a Escola Vamos Sozinhos* foi uma iniciativa de preparar a cidade, mobilizando os pais, a escola, o poder público, os comerciantes e as entidades relacionadas para que as crianças de diversas idades pudessem, por meio de percurso definido e tempo limitado, percorrer o trajeto sozinhas. Aos idosos, por exemplo, foi solicitado que passeassem ou se sentassem em bancos naqueles horários para estarem presentes e, sem grandes intervenções na autonomia dos pequenos, “que fossem avós de todas as crianças”. O autor apresenta dados resultantes dessa iniciativa nas cidades de Fano, Palermo e Roma.

*Uma carta de pedestre, de ciclista e de motociclista* foi uma estratégia de educação rodoviária que atribuía cartas de condução (de pedestres, ciclistas e motociclistas)

condizentes com as idades escolares para melhora de hábitos no trânsito.

“*Eu e Minha Cidade*” é uma proposta plurianual que estimula os estudantes de todos os níveis a refletirem sobre um aspecto da cidade e a se encontrarem para discutir os resultados. Segundo o autor, essa iniciativa fomenta o desenvolvimento do território, o planejamento e as perspectivas de futuro, sendo, portanto, um bom programa de educação ambiental. “*Eu e minha cidade*”: o cartaz, é um concurso com esses estudantes para que se escolha o cartaz, por elas produzido, que representará o tema do ano.

No *Um dia sem carros*, ação resultado dessa escuta às crianças anteriormente mencionada, famílias ocupam as ruas que normalmente são lugares perigosos e proibidos, para brincar. Nas barreiras para carros encontra-se o seguinte aviso: “Hoje as ruas de Fano estão encerradas ao trânsito porque foram oferecidas para brincarem” (Tonucci, 2019, p. 242).

*Uma marca de qualidade “crianças” para hotéis e restaurantes* são um conjunto de adequações desses serviços para tornar suas estruturas mais adequadas às crianças. *Uma praia para as crianças* é também uma forma de adequar o lugar para a frequência dos pequenos, oferecendo espaços adaptados às suas necessidades mais básicas, incluindo o brincar.

O *Clube CDB* (Clube Città dei Bambini), formado por voluntários, convida ex-participantes das ações do projeto que, agora jovens e adultos, têm no clube um espaço para manter a relação com a transformação da cidade.

A *casa Archilei* era um espaço de 1 hectare, propriedade municipal inutilizada e cercada pela urbanização, que fora ocupada e cedida para ser transformada em um espaço educacional.

*Uma tarde livre para as crianças* é uma proposta para que as crianças possam usufruir desse tempo de forma autônoma no espaço público, sem intervenção dos adultos.

Em *Um jardim de pedra*, o autor, usando exemplo das ruínas ocasionadas pela guerra em Palermo, afirma que esses lugares poderiam ser “cedidos” ao brincar, pois forma interessantes e desafiadores cenários para essa atividade. Com algumas adaptações, um lugar degradado poderá adquirir dignidade e ser devolvido às brincadeiras criativas das crianças (Tonucci, 2019, p. 260).

A seguir, Tonucci apresenta o que nomeia de *Outras experiências*, uma série de quatro entrevistas com especialistas: *O planeamento participado às crianças*; *Os direitos dos pedestres*; *A democracia em embrião*; e *As cidades educativas*.

Em *Uma rede nacional e não só*, Tonucci refere que em 1994, os Prefeitos de 20 cidades foram a Fano para conhecer a experiência do Laboratório “A cidade das crianças”, originando uma rede nacional que coordena as várias ações em curso. Desse encontro resultou um documento orientador do foco do projeto. Posteriormente, outras cidades aderiram à rede e, no âmbito mundial, outros países como Argentina e Espanha também manifestaram interesse no projeto.

Por fim, em *Para começar*, o autor desenvolve algumas propostas possíveis de trabalho e dá alguns conselhos, afirmando que cada cidade interessada no projeto pode seguir seu próprio caminho.

### **Terceira Parte - As experiências**

A leitura da obra de Tonucci é indispensável a todos os agentes (públicos e da sociedade civil) envolvidos na construção das cidades. Escrito em 1996, seu texto continua atual, sendo muito oportuna e pertinente a edição portuguesa em 2019, ao reforçar a divulgação do pensamento do autor para o recente debate sobre as cidades desiguais e injustas. A obra reforça a necessidade das solidariedades e do cuidado uns dos outros, do nosso planeta e dos recursos comuns, em um tempo marcado por pandemias, terrorismo, migrações, guerras e crise climáticas. Disso advém a importância de se construir uma cidade *outra*. O pensamento central de *A Cidade das Crianças* se ancora na premissa de que é necessário pensar, construir e reconstruir a cidade a partir dos grupos mais vulneráveis (dentre esses, as crianças) de modo a garantir os direitos de todos os cidadãos.

A singularidade da contribuição de Tonucci está na indicação de caminhos possíveis para a participação efetiva das crianças nas decisões sobre o futuro das cidades, considerando-as como sujeitos de direitos. Para tanto, conforme aponta, torna-se necessário o reposicionamento desses agentes sociais, colocando-os na centralidade dos debates e ações: uma cidade boa para as crianças, é boa para todas as pessoas. Desta forma, aos educadores, a leitura do livro *A Cidade das Crianças* torna-se uma oportunidade

para criticar/discutir o modelo educador vigente e repensar a relação criança e cidade, no intuito de promover sua formação como cidadãos, sua liberdade e autonomia, a partir de uma escuta efetiva e de uma verdadeira confiança nela como sujeito de transformação. Nesse sentido, Tonucci defende propostas de educação baseadas na brincadeira enquanto experiência fundamental na “construção” da criança e na construção da cidade.

Não podemos deixar de mencionar a limitação à sua reflexão, apontada também por ele mesmo ao longo do texto, do lugar de onde ele fala: o contexto europeu. Embora suas propostas possam condizer com realidades de outros lugares do globo, é importante localizar o lugar de produção de sua obra, para não cairmos em reducionismos, dadas as características históricas, sociais e culturais na formação das cidades em outros contextos.

Tonucci encerra sua reflexão com uma charge de sua autoria, na qual aparece a imagem de uma menina que questiona: “E a cidade das meninas?”. Com ela, mostra que o estudo crítico das relações das cidades e infâncias, também em outros contextos sociais — como o de gênero — não se esgotam por aqui.

## Referência

TONUCCI, F. **A cidade das crianças**. Lisboa: Fatoría K de Livros (coleção Ágora K), 2019.

Recebido em: 11/02/2025

Parecer em: 27/05/2025

Aprovado em: 17/07/2025